

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
Arthur Andrade Pereira

UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O DIA-A-DIA NAS ESCOLAS CAVE E TEODORO  
COELHO

Juiz de Fora  
Julho de 2017

Arthur Andrade Pereira

Um olhar crítico sobre o dia-a-dia nas escolas Cave e Teodoro Coelho

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito para obtenção do grau de  
Licenciado em História, no Instituto de  
Ciências Humanas da UFJF.

Juiz de Fora  
Julho de 2017

## 1 INTRODUÇÃO

Observar o comportamento e as relações entre professor e aluno numa sala de aula é sempre uma tarefa muito curiosa. Essa relação envolve um conjunto de pessoas, que são os alunos, da mesma idade, que vivem sob os conceitos e sob a lógica de uma determinada geração comum, mas que mesmo assim possuem origens familiares, visões de mundo e gostos pessoais diferentes, com uma outra pessoa, de geração e experiências de vida diferente e do próprio “status” hierárquico diferente, no caso, o professor.

Esse contato presente na sala de aula é um contato de constante conflito, tanto de aluno com professor como também de aluno com aluno, e esses conflitos algumas vezes incorporam o lado pejorativo da palavra, mas muitas vezes estão mais ligadas as possibilidades que o enfrentamento de ideias, o debate e a provocação intelectual tem de mais produtivo, que é o incentivo ao pensamento crítico e a desconstrução de pré-conceitos.

Se por um lado a vivência de sala de aula gera um conflito inerente a qualquer tipo de relação entre duas pessoas distintas, essa experiência promove, também, a aproximação e a criação de laços entre pessoas que se identificam umas com as outras e acabam criando vínculos afetivos e, em alguns casos, amorosos também. Para muitas pessoas, a sala de aula e o ambiente escolar é o local que permite o despertar sentimental que é natural do ser humano.

Tendo esse pensamento de que a escola e a sala de aula são, por excelência, locais de conflitos e de formação de vínculos, comecei a observar a dinâmica e o comportamento de duas turmas do terceiro ano do Ensino Médio, a princípio do colégio CAVE, mas que depois de quatro aulas tive que mudar não só de turma, mas também de colégio, por uma orientação do professor Pedro Gabriel Pereira, a quem eu acompanhava, transferindo a análise então para o colégio Teodoro Coelho, todos na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais.

## 2 O CONTATO COM OS ALUNOS E A VIVÊNCIA DE SALA DE AULA

A atividade de voltar para a sala de aula e observar o dia-a-dia dos professores e alunos é uma atividade de engrandecimento acadêmico e profissional, pois gera uma base e uma certa segurança para os futuros e próximos desafios que a vida profissional de professor me aguardam, mas também é uma atividade muito nostálgica, pois para mim foi impossível olhar para os alunos e não me ver novamente neles, devido a maior experiência da minha vida, a qual me encontro até hoje, que é a de “ser aluno”.

A minha vida enquanto estudante me possibilitou incorporar de uma forma muito eficaz as turmas dos dois colégios por também já ter estudado, durante 8 anos em uma escola estadual e, durante 3 anos, numa escola particular, e as turmas das quais eu fiz parte se pareciam em muito com as turmas das quais eu analisei enquanto estagiário.

Existe uma clara diferença no comportamento entre os estudantes da escola pública Teodoro Coelho e da escola particular CAVE, mas que de forma alguma uma se sobrepõe a outra em questão de qualidade. São apenas realidades diferentes, mas que cada uma tem seus pontos positivos e seus lados negativos.

As aulas no CAVE foram muito curiosas. Apesar da minha condição de estagiário dentro da sala de aula, atualmente eu trabalho como monitor de História na instituição e isso fez com que os alunos entendessem que havia ali não só um, mas dois professores na sala, e por esse distanciamento não ter sido bem feito, o professor sugeriu que a escolha da escola fosse mudada.

Enquanto eu estava no CAVE a turma passava por um período de véspera de prova final e as aulas estavam mais voltadas para finalização do conteúdo, execução de algumas atividades relacionadas a matéria e também uma revisão para facilitar o estudo para a prova.

Nessas aulas, a turma se portou de uma forma que era muito comum e que foi muito impactante para mim quando eu, enquanto estudante, mudei da Escola Normal, que é uma escola pública, para o colégio Granbery, que é uma escola particular: a turma era excessivamente quieta.

O espaço de conversa entre alunos se dava quase que exclusivamente no horário do intervalo e nas trocas de professores, e nas exceções em que havia conversa paralela dentro da sala de aula a discrepância era tão grande que os alunos eram facilmente identificados e o pedido de silêncio vinha não só do professor, mas também dos próprios alunos que não estavam envolvidos na conversa naquele momento.

Se o espaço de conversa e de diálogo entre alunos na sala de aula era limitado, fora dela ele não só existia, mas também era muito incentivado. O colégio oferece atividades em tempo integral, oficinas, teatro, uma área recreativa com bancos em roda e pufes na área próxima da cantina. Essas áreas de possibilidade de relação são muito bem delimitadas: enquanto nas áreas recreativas o ambiente é descontraído, na porta das salas encontra-se uma placa escrito “Silêncio. Desliguem os celulares.”

O contato entre professor e aluno se deu de uma forma um pouco menos rígida, mas que o diálogo era quase que exclusivamente conteudista. Não houveram perguntas que relacionaram o conteúdo com os dias atuais, e quando o professor tentava provocar a turma fazendo essa ligação entre conteúdo e dia-a-dia, especialmente nos temas políticos, era evidente o ar de desconforto que pairava na turma, que possivelmente tem a ver com a mentalidade que hoje se tem nas escolas de classe média de que a aula de História tem o caráter político e de doutrinação.

Em um dos raros momentos de interação com temas atuais fora da apostila, o professor provocou a turma que estava revendo questões das reivindicações burguesas no processo de formação e constituição dos Estados Modernos e das críticas que a burguesia fazia ao Rei e ao seu poder, tentando explicar que para os burgueses do período não bastava apenas ter o poder econômico. A participação nas tomadas de decisão políticas era fundamental para a manutenção da burguesia e de seus interesses.

Com isso foi usado como exemplo os atuais escândalos de corrupção envolvendo a relação entre o grupo JBS e os políticos de alto escalão na política brasileira, e o debate propôs questões de reflexão aos alunos como “quais são as motivações para essa relação entre empresas privadas e poder público? “, “existe algum beneficiado nessa relação? “, “existe alguém que não se beneficia com essa relação? “. Esse debate envolveu grande parte da turma, com uma participação mais especial de uma menina que estava nas primeiras fileiras e que participava mais das aulas de uma forma geral. Os alunos tiveram total liberdade para discutir o tema e acabaram chegando na conclusão de que de fato as grandes empresas se tornam muito mais poderosas e, com isso, aumentam sua área de influência e por consequente seus ganhos a medida em que se aproximam do poder público, e que essa relação é benéfica tanto para os donos das empresas quanto para os agentes públicos que se tornam aliados dessas empresas, mas que a população sai muito prejudicada com essa relação pois o fortalecimento dessas empresas e a parceria delas com o governo inibe a livre competição entre micro empresários e grandes empresários, além da corrida eleitoral se tornar injusta,

pois é muito mais fácil um político com muita verba ganhar a disputa eleitoral do que um político que não recebe apoio de uma grande corporação.

A realidade e as experiências vividas pelos alunos, isso é, tudo que eles assistem, tudo que eles leem, tudo que é conversado em seus núcleos familiares se manifestam na forma como o diálogo é conduzido e também na sua conclusão. A preocupação com a lógica do mercado e a influência do Estado nessa lógica é muito presente no debate da turma, que é uma turma de classe média, o que me surpreendeu porque essa preocupação não era uma preocupação que me atingia quando eu estava no terceiro ano. Provavelmente num debate como esse eu ficaria apenas no discurso da necessidade de combate a corrupção e da falta de ética dos nossos representantes, mas sem essa relação entre livre competição de empresas e de pessoas, uma pauta muito presente nos movimentos Liberais e Neoliberais.

Um outro fator que chamou atenção foi com relação a minha presença na turma. Por eu ser monitor do colégio e isso possibilitar um contato mais particular com cada aluno, alguns alunos preferiam tirar suas eventuais dúvidas comigo do que fazer a pergunta para que todos o escutassem, ou então esperavam o final da aula para conversar comigo fora da sala. Quando me pediam ajuda no meio da aula eu incentivava o aluno a trazer a pergunta a público, dizendo que a pergunta dele enriqueceria a aula e poderia ajudar algum colega.

Intrigado com o costumeiro silêncio da turma e a forma com que eles preferiam tirar suas dúvidas de um jeito mais particular, perguntei a uma aluna próxima o porquê de eles não tirarem as suas dúvidas com o professor, e foi aí que o ambiente do colégio se manifestou novamente.

O CAVE tem por tradição ser um cursinho pré-vestibular e há 3 anos ele se estendeu para colégio de Ensino Médio. O ambiente de pré-vestibular e de instituição com o objetivo de aprovação na UFJF não foi superado. O construir pensamento crítico é presente, sim, mas deixado em segundo plano quando comparado com a meta de ser ou não ser aprovado.

A presença de simulados, a separação de turmas levando em consideração as notas e a presença da turma “CAVE M”, que é a turma exclusiva não para os alunos que desejam cursar Medicina, mas para os alunos que o querem e que tem notas suficientes para estar na sala criam no colégio um clima de constante competição, gerando ao menos nessa aluna com a qual eu tive contato um sentimento de desconforto ao trazer suas dúvidas a público com medo de ser criticada não pelo professor, mas pelos próprios colegas de classe.

Se no CAVE o ambiente era de concentração dos alunos e de locais e momentos bem delimitados, no Teodoro Coelho o ambiente era um pouco mais descontraído.

O colégio pertence a rede estadual e situa-se no bairro Jóquei Clube, atendendo, em sua maioria, alunos moradores do bairro, que é um bairro carente da Zona Norte. A minha apresentação para os alunos e para os funcionários da escola foi bastante descontraída e eles fizeram com que eu rapidamente me sentisse bem em estar ali. A presença de um estagiário na sala era algo inédito, o que gerou muita curiosidade por parte dos alunos que me faziam constantemente perguntas sobre o dia a dia na Universidade, sobre o que eu pretendia fazer depois de formar e sobre questões da minha vida particular.

O clima da escola era muito parecido com o ambiente que eu vivi a maior parte da minha vida, que foi o dia a dia da Escola Normal. O Teodoro Coelho, diferente do CAVE, é uma escola que abriga alunos de todos os níveis escolares e que essas turmas dividem o espaço da sala de aula em diferentes horários, sendo comum a presença de trabalhos e cartazes da turma do 2º ano do Ensino Básico numa das salas de 3º ano do Ensino Médio, ou então chegar em uma outra turma de 3º ano do Ensino Médio e me deparar com o quadro cheio de matéria do 6º ano do Ensino Fundamental, que havia ocorrido no dia anterior, no turno da tarde.

O ambiente com quadra de esportes, com alunos brincando no pátio, com aula de educação física acontecendo próximo a sala de aula de História, a própria localização da cantina próxima as salas, onde os alunos comiam a merenda da escola proporcionava um ambiente muito diferente do que eu tenho como “ambiente de escola particular”, levando em consideração a experiência e a análise anterior, e muito mais próximo do que eu tenho como o ambiente típico de um colégio, como instituição de intenso conflito, de intensa convivência.

As aulas estavam ocorrendo num período de aproximação das férias, onde as provas já haviam sido feitas e alguns alunos já não estavam indo mais a aula por estarem com segurança quanto as notas no bimestre.

Para falar sobre a experiência na sala de aula da Escola Estadual Teodoro Coelho e também compreendê-la, é necessário fazer uma breve análise considerando o sistema hierárquico da administração da escola e também o planejamento pedagógico dos professores.

A estrutura administrativa, por mais que ela aparentemente tenha uma hierarquia verticalizada, com Secretaria de Educação, Diretora, Coordenadores e Professores, ela é, na sua essência, uma hierarquia horizontal, porque independente do cargo, todos eles são professores que eventualmente ocupam ou não uma posição de chefia, mas que é temporária e sujeita a mudança mediante a um processo democrático.

Esse sistema hierárquico que tem, na sua essência, uma certa horizontalidade, influencia muito no modo de dar aula do professor, principalmente se compararmos com uma

escola particular, onde o cargo de chefia é, em sua última instância, atribuído ao dono da escola, que tem a última palavra e que determina os objetivos da sua instituição de ensino. Enquanto na escola particular o planejamento pedagógico e o objetivo do final do ano são traçados conforme a “identidade” do colégio, na escola pública esses objetivos são construídos em conjunto com a comunidade e com o Poder Público de uma forma muito mais democrática e maleável, dando mais liberdade ao professor no momento de construir seu planejamento, possibilitando uma aula menos conteudista e muito mais crítica, abordando sem receios alguns temas polêmicos, sempre, claro, com responsabilidade e com profissionalismo.

Como o calendário escolar estava num limbo onde a matéria já havia acabado e as provas realizadas, mas ao mesmo tempo era inviável começar algum tema novo devido à proximidade das férias, o professor Pedro Gabriel sugeriu que fosse realizado na semana um seminário envolvendo o próximo tema a ser abordado nas aulas de História, que seria o Governo Vargas, e a atual conjuntura do país, onde as conquistas dos trabalhadores, que são praticamente o slogan do Governo Vargas estão mais uma vez em debate, correndo sérios riscos de sofrerem um grave retrocesso.

O clima mais descontraído da sala aula dava voz aos alunos, que nem sempre se utilizavam dela para tratar de coisas relevantes a aula, mas que não impunha aos que queriam participar o medo e a timidez presentes nas aulas do CAVE.

O seminário começou com a provocação do professor, que pediu aos alunos que se dividissem em grupos e trouxessem, para a próxima aula, uma reportagem qualquer falando sobre política no Governo Vargas e sobre política no atual Governo.

Como a dica do tema “trabalho” já tinha sido dada anteriormente, mas que também foi deixado claro que outros temas poderiam aparecer, a grande maioria dos grupos trouxeram reportagens relacionadas a construção e a atual tentativa de desconstrução dos direitos dos trabalhadores.

Pensar a aula é, também, pensar no conjunto em que essa aula está inserida, no público que ela atinge e na realidade da escola, levando em consideração o meio em que ela está presente. De acordo com Sônia Regina Miranda e Carina Martins Costa, “repensar práticas pedagógicas no cenário contemporâneo implica em contextualiza-las frente as múltiplas crises do espaço escolar”. (MIRANDA & COSTA, p.16)

Se por um lado houve um debate numa escola de classe média, onde surpreendentemente o assunto de debate dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio detectou e convergiu para uma problematização de questões mercadológicas, na Escola Estadual



Teodoro Coelho, por outro lado, mostrou uma preocupação dos alunos com relação ao futuro do trabalhador.

É claro que o tema proposto sugere um certo destaque para as questões trabalhistas, mas não podemos esquecer que falar de trabalho, falar de direitos trabalhistas é, também, falar de mercado, de lucro e de custo para empreender numa empresa.

Intrigado com essa clara distinção entre os dois grupos de alunos, os do CAVE e os do Teodoro Coelho, eu pedi licença para retomar o debate realizado no CAVE sobre a doação de empresas para as campanhas políticas, comentando o escândalo da JBS e incentivando o debate sobre as parcerias público-privadas corruptas.

Enquanto no primeiro debate realizado sobre esse tema a preocupação maior foi com relação ao Mercado e as possibilidades iguais de disputa entre as empresas, nos alunos do Teodoro Coelho o debate se deu em torno da moral dos políticos, da corrupção, da descrença na política. O tema do Mercado sequer foi citado.

O desconforto ao falar de política, principalmente fazendo uma comparação com a atual conjuntura, também estava presente no debate com os alunos do Teodoro Coelho assim como esteve no CAVE, visto que no Teodoro a identificação da aula de História como um espaço de doutrinação também estava presente, porém, dessa vez o clima de receio era menos velado tanto pela parte do professor quanto por parte dos alunos.

Se no CAVE falava-se em “alguns políticos”, “tem partido que...”, entre outras frases que eram cuidadosamente preparadas para não acusar e nem tomar partido, no Teodoro o debate era mais franco. No lugar de “alguns políticos” os alunos falavam “Lula”, “Dilma”, “Temer”, “Aécio”, “Bolsonaro” e no lugar de “tem partido que...” os alunos falavam “PT”, “PSDB”.

### 3 CONCLUSÃO

Não cabe a mim, enquanto observador, chegar a uma conclusão de qual experiência, qual escola foi melhor, após esse trabalho, que por ter sido realizado em duas escolas distintas por razões adversas, me proporcionou uma inevitável comparação. Fica a lição de que o professor de fato vai se construindo a partir das suas próprias experiências, e essa construção está em constante ameaça pois se o ambiente em que o professor está inserido muda, seja por uma nova oportunidade de trabalho, seja por uma mudança na direção da escola ou por sair de um colégio e entrar em outro, a aula também vai mudar e se adaptar à nova realidade. Essa realidade também é muito instável pois ela reflete a realidade não só de uma determinação hierárquica, de uma observância do meio onde a escola e os alunos estão inseridos, das classes sociais as quais o seu grupo de alunos e suas famílias pertencem, mas também a escola é um reflexo da própria construção social em que o nosso tempo está inserido.

Segundo Joan Pagès, que deixa bem claro:

*“La fabrica escolar de la historia no puede elaborar productos que no respondan a los contextos y a las necesidades sociales donde deben aplicarse, ni puede elaborar productos obsoletos, descontextualizados y que no tengan ningún uso ni valor social.” (PAGÈS, 2015, p.323).*

Há na escola e, sobretudo, nas aulas de História, uma função social de construção e de formação de um alunado capaz de ler e entender o contexto social ao qual está inserido.

Falar de escola, como dito no começo deste trabalho, é falar de conflito, de relacionamento e de vivência, mas também é falar de política, é falar de sociedade e de construção social, mesmo que isso nem sempre esteja tão evidente. A escola é o seu meio, e esse meio vive em transformação seja por pressão popular e política, seja por exigências mercadológicas.

O silêncio dos alunos da escola particular que é acompanhado de um foco e de um comprometimento com o estudo conteudista deveria ser combinado com o barulho e a descontração dos alunos da escola pública, mas que tem uma liberdade maior e tratam de forma mais natural o debate e a troca de informação uns com os outros.

No mundo atual nós vivemos cada vez mais dentro de bolhas sociais, onde a facilidade de conviver apenas com pessoas iguais a nós é muito viável e reconfortante. Porém, a escola é por excelência um espaço de troca de saberes, de desconstrução do senso comum e de construção de um novo diálogo, que só pode vir através do incentivo ao pensamento crítico.

A função do professor cada vez mais se torna a função de mediador e de incentivador desse contato, de uma pessoa que, por transitar entre mundos distintos, tanto economicamente falando quanto em um sentido sociocultural devido a sua própria bagagem de vida e a sua vivência que sem dúvida é maior que a dos alunos pelo simples fato de ser uma pessoa mais velha, salvo exceções de eventuais alunos de EJA, possibilita e o credencia a esse trabalho.

As dificuldades que o professor enfrenta diariamente são muitas: as escolas em sua grande maioria não dispõem de meios físicos para dar suporte ao profissional, a carga horária de trabalho semanal é abusiva, uma vez que o professor muitas vezes precisa de dois ou três cargos para garantir sua subsistência e, levando em consideração o tempo de formação do professor e o desgaste da profissão, ele ainda é mal remunerado.

Contudo, cabe então ao professor vencer essas dificuldades e conseguir desenvolver sensibilidade suficiente para reunir os muitos saberes que coexistem numa sala de aula e no ambiente escolar como um todo, reflexos da sociedade e do meio ao qual a escola está inserida, e a partir daí incentivar o uso da fala do aluno para que ele possa se expressar, fazendo do método de ensino conteudista ao qual vivemos um espaço de constante crítica e de aplicação real do saber valorizando o saber do aluno, que não é puro, mas que merece ser valorizado e problematizado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IPAGÈS, Joan. **Saberes Históricos Construídos – Saberes Históricos Apropriados.** *Uma reflexión desde la didáctica de la historia.* In: E. ZAMBONI, GALZERANI, M.C.B., PACIEVITCH, C. (Org). **Memória, Sensibilidades e Saberes.** Campinas, 2015.

MIRANDA, Sônia Regina; COSTA, Carina Martins. **Em busca de uma narrativa aberta: caminhos e descaminhos na construção de uma aula de História dialógica.** Disponível em: <http://ojs.fe.unicamp.br/FEH/article/view/5438>

ZAMBONI, Ernesta. **Representações e Linguagens no Ensino de História.** Universidade Estadual de Campinas. In: Rev. Bras. Hist. Vol.18 n. 36. São Paulo, 1998

MONTEIRO, Ana Maria F.C. **Os sentidos do ensino de História.** In: Boletim 2, Espaços educativos e ensino de História. 2016.

RAGO, Margareth. **Experimentações.** In: RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

NÓVOA, António. **Aprendizagem não é saber muito.** In: RODRIGUES, Cinthia. Rev. Carta Capital. 27 de abril de 2015.